

A significação
do ceticismo filosófico
Barry Stroud



Tradução

Eros Moreira de Carvalho,
Flavio Williges e Plínio Junqueira Smith

Guia de estudos

Plínio Junqueira Smith



ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

São Paulo, 2020

Copyright © ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA, 2020

© Barry Stroud 1984

Titulo original em inglês: *The significance of philosophical scepticism*.

Oxford: Oxford University Press, 1984.

Projeto editorial: ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

Direção editorial: PABLO RUBÉN MARICONDA

Editoração: LETICIA FREIRE

Diagramação: GIOVANA PASQUINI

Revisão técnica: NARA MIRANDA DE FIGUEIREDO

Revisão: PABLO RUBÉN MARICONDA

Coleção Epistemologia e Filosofia Analítica

Editores:

PLÍNIO JUNQUEIRA SMITH

WALDOMIRO J. SILVA FILHO

RENATO KINOCHI

JAÍMIR CONTE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stroud, Barry, 1935-2019

A significação do ceticismo filosófico / Barry Stroud ; tradução Eros Moreira de Carvalho, Flavio Williges e Plínio Junqueira Smith ; guia de estudos Plínio Junqueira Smith. -- São Paulo : Scientiæ Studia, 2020.

Título original: *The significance of philosophical scepticism*

Bibliografia.

ISBN 978-65-86595-01-7

1. Ceticismo 2. Teoria do conhecimento

I. Smith, Plínio Junqueira. II. Título.

20-39312

CDD-121.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Dúvida : Epistemologia : Filosofia 121.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



Associação Filosófica Scientiæ Studia

Rua Doutor Cícero de Alencar, 131

05580-080 — São Paulo — SP

www.scientiaestudia.org.br

} Sumário

Introdução à tradução brasileira	• 7
1 Stroud, um filósofo imerso na tradição e na contemporaneidade	• 7
2 Breve apresentação de <i>A significação do ceticismo filosófico</i>	• 14
3 Stroud e o Brasil	• 19
4 A necessidade de um guia de estudos	• 21
Prefácio	• 27
Capítulo 1 O problema do mundo exterior	• 37
Capítulo 2 Ceticismo filosófico e vida cotidiana	• 85
Capítulo 3 G. E. Moore e o ceticismo: “interno” e “externo”	• 139
Capítulo 4 Interno e externo: “empírico” e “transcendental”	• 193
Capítulo 5 Interno e externo: significativo e sem significado	• 245
Capítulo 6 Epistemologia naturalizada	• 293
Capítulo 7 Coda: a busca de um diagnóstico	• 351
GUIA DE ESTUDOS	• 375
Introdução	• 375
PARTE I Comentários analíticos, por Plínio J. Smith	• 379
SEÇÃO 1	• 379
1 O sentido geral do livro	• 379
2 A ordenação dos capítulos	• 385
SEÇÃO 2	• 393
1 O problema do mundo exterior, o raciocínio de Descartes e a nossa posição desastrosa	• 393
2 Condições de asserção e condições de conhecimento: o desempenho epistêmico não garante o conhecimento	• 399
3 A interpretação compatibilista de Moore: uma prova conclusiva, mas inadequada	• 406

4	Uma nova concepção da filosofia e a transposição do problema cético	• 414
5	O princípio de verificação do significado e a correção condicional do ceticismo	• 426
6	Uma concepção científica da filosofia comprometida com o ceticismo	• 434
7	Perspectivas para superar o ceticismo filosófico	• 446
PARTE II	Esquemas do livro e dos capítulos, por Plínio J. Smith	• 454
PARTE III	Questionários sobre cada capítulo, por Oswaldo Porchat	• 463
	Referências bibliográficas	• 469
	Índice de termos	• 475
	Índice de autores	• 477

INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO BRASILEIRA

I STROUD, UM FILÓSOFO IMERSO NA TRADIÇÃO E NA CONTEMPORANEIDADE

A carreira filosófica de Barry Stroud (1935-2017) não poderia ter começado de maneira mais brilhante e mais representativa do que viria a ser.¹ Seu primeiro artigo, de 1965, “Wittgenstein and logical necessity” (2000b.1), tratou de um assunto muito difícil com engenhosidade e perspicácia, revelando sua capacidade de interpretar com exatidão e refinamento o pensamento de um filósofo clássico. Com “Transcendental arguments”, seu segundo artigo de 1968, Stroud (2000a.2) deu a conhecer sua grande capacidade filosófica, ao desenvolver uma crítica demolidora de um tipo de argumento empregado por vários dos melhores filósofos da época, entre eles sir Peter F. Strawson, em seu clássico *Indivíduos* (1959/2019). Posteriormente, Strawson (1985/2007, capítulo 1) veio a lhe dar razão, quando reformulou sua própria posição diante do ceticismo, em função das críticas de Stroud. Esse artigo de Stroud inaugurou uma longa discussão, que perdura até hoje, sobre os argumentos transcendentais: qual a sua natureza, o seu alcance e o seu objetivo? (cf. Cabrera, 1999; Stern, 2000b).

Tanto como intérprete, quanto como filósofo, Stroud continuou a produzir trabalhos notáveis. Em 1977, publicou seu livro *Hume*, uma contribuição importante para a interpretação naturalista de Hume, tendo ganhado o prêmio Franklin J. Matchette

¹ Pode-se ver uma autobiografia intelectual em Stroud (2018.2). Nas coletâneas de Stroud, os artigos são referidos pelo número do capítulo após o ponto. Assim, o quinto artigo (ou capítulo) da coletânea *Understanding human knowledge*, publicada em 2000, é citado como 2000a.5. O artigo que acabo de citar como 2018.2, portanto, é o segundo capítulo da coletânea *Seeing, knowing, understanding*, publicada em 2018.

de 1979. Outros grandes filósofos do passado foram objeto de estudos detalhados, como Descartes, Locke, Berkeley e Kant.² Embora nunca tenha chegado a escrever um livro inteiro sobre Wittgenstein, Stroud dedicou inúmeros artigos esclarecedores à sua filosofia, nos mais diversos temas, como o de seguir uma regra e o da linguagem privada.³ Sua principal contribuição à filosofia, no entanto, não reside nesses textos sobre a história da filosofia.

Foi em 1984 que Stroud firmou definitivamente seu nome na filosofia, com a publicação do seu já clássico *A significação do ceticismo filosófico*, que o leitor tem ora em mãos. Traduzido para inúmeras línguas e usado como referência indispensável nos cursos de teoria do conhecimento pelo mundo afora, este livro é conhecido, ainda hoje, como a sua principal obra. Em “Scepticism and the possibility of knowledge” (2000a.1), Stroud explica por que o ceticismo ocupa um lugar central na epistemologia e, embora tenha tratado desse tema desde o começo de sua carreira, ele ainda não havia encontrado na década de 1980 uma resposta que lhe parecesse satisfatória. De um modo geral, até então, Stroud apresenta críticas devastadoras das principais tentativas de refutar o ceticismo, dentre as quais cabe destacar seus argumentos contra o externismo. A seu ver, nenhuma teoria do conhecimento conseguiu superar o desafio cético, de modo que o ceticismo filosófico seria a resposta correta para a questão do conhecimento do mundo exterior, se se aceitar a legitimidade e inteligibilidade desse problema filosófico. A única solução seria impedir, de algum modo, que se possa levantar esse problema. Mas Stroud ainda não via exatamente como isso seria possível.

² Ver, sobretudo, os primeiros artigos de Stroud (2011b.1-9), além de seu artigo sobre Kant em Burnyeat (1983).

³ A esse respeito, o leitor pode consultar os artigos em que Stroud (2000b.1, 5, 6, 11, 13) discute criticamente diversas interpretações de Wittgenstein.

Somente nos anos 1990 Stroud elabora uma posição em que a ameaça do ceticismo filosófico seria afastada. O problema do mundo exterior e a resposta cética exigiriam do filósofo uma posição completamente distanciada da vida cotidiana e de nossas crenças; o projeto filosófico seria o de alcançar essa posição totalmente destacada que permitisse um conhecimento objetivo sobre o mundo ou sobre a realidade independente. Essa estratégia já estava delineada em *A significação do ceticismo filosófico*. A nova sugestão de Stroud é a de que haveria uma inconsistência na tentativa de o filósofo se distanciar por completo da vida cotidiana e de suas crenças, de maneira que seria impossível alcançar essa posição objetiva que o filósofo almeja. Ao pretender desmascarar as crenças de outra pessoa sobre o mundo ao nosso redor, o cético teria, ele próprio, de supor essas crenças, já que seria impossível atribuí-las a outros sem que ele próprio não compartilhasse essas crenças. A atribuição de crenças pressupõe, não a verdade dessas crenças, como queria Davidson, mas somente que nós aceitemos a sua verdade.

A primeira formulação desse argumento, de 1994, está em “Kantian argument, conceptual capacities, and invulnerability” (2000a.11) e encontra sua formulação precisa em “The goal of transcendental arguments” (2000a.13), de 1999. Stroud ainda desenvolve essa ideia, confrontando-se com dois dos maiores filósofos de sua época, seja com Davidson em “Radical interpretation and philosophical scepticism” (2000a.12), seja com Strawson em “The synthetic *a priori* in Strawson’s Kantianism” (2000a.14). Sua resposta ao ceticismo cartesiano ficou conhecida como “argumento transcendental modesto” (cf. Stern (2000a; 2000b.9-10)). Esses artigos, a meu ver, marcam uma nova etapa no desenvolvimento do seu pensamento, pois apresentam finalmente a resposta ao desafio cético que por tanto tempo ele buscara.

Stroud desenvolveu detalhadamente essa ideia central de sua posição madura em dois livros. O primeiro, *The quest for reality: subjectivism and the metaphysics of colour*, de 2000, desenvolvido mais ou menos no mesmo período daqueles quatro artigos, aplica essa ideia a uma questão clássica da filosofia: qual é o estatuto metafísico das cores? São elas propriedades objetivas dos corpos físicos ou não passam de percepções subjetivas que só existiriam em quem vê esses corpos ou em relação a esses seres que percebem cores? Poder-se-ia pensar que se trata de uma questão periférica da filosofia, pois envolve conceitos que não são essenciais ao nosso pensamento sobre o mundo, já que um cego não domina os conceitos para as cores e, no entanto, compartilha o nosso esquema conceitual básico. Ainda assim, é uma questão muito importante, pois diz respeito a uma questão tradicional da filosofia e que foi fundamental na constituição da filosofia moderna e, sobretudo, da ciência moderna: a distinção entre qualidades primárias e secundárias. O que está em jogo é a concepção de uma realidade independente, fundamental para o projeto filosófico de descrever e conhecer o mundo. Stroud defendeu que o projeto subjetivista é inconsistente, porque para desmascarar a ideia de que cores não são propriedades dos objetos físicos é preciso atribuir essa crença a outras pessoas e essa atribuição só seria possível se o filósofo subjetivista, ele próprio, também aceitasse essa crença. Portanto, o projeto de desmascarar a crença de que as cores são propriedades objetivas e de mostrar que elas são meramente subjetivas seria inconsistente. Isso, no entanto, não implicaria um veredito positivo de que as cores são propriedades objetivas das coisas materiais.

Depois, em 2011, Stroud publicou o seu difícil, porque muito denso, *Engagement and metaphysical dissatisfaction: modality and value*, quando aplica a mesma estratégia a conceitos centrais do nosso pensamento: a necessidade lógica, a inferência causal e os valores morais. Stroud mostra, sucessivamente, que a tenta-

tiva de os filósofos desmascararem o caráter objetivo da relação lógica, da relação causal e dos valores morais fracassa, sem que isso implique, no entanto, qualquer veredito metafísico. Stroud mantém-se, como sempre, equidistante de um veredito metafísico positivo e de um veredito metafísico negativo. Nossa aspiração inicial de um determinado entendimento da nossa condição no mundo nunca seria satisfeita, porque desejamos alcançar uma posição totalmente desengajada, e isso parece impossível. Embora não se alcance nenhum veredito metafísico e essa insatisfação seja inevitável, deve-se notar que, para Stroud, não somente nossas crenças cotidianas (e científicas) permanecem intactas, mas também se adquirem determinados esclarecimentos sobre esses conceitos, sobre nosso pensamento acerca do mundo e sobre nossas práticas cotidianas.

Não se deve pensar que Stroud concebia seus trabalhos de intérprete do pensamento de outros filósofos e seus trabalhos filosóficos de cunho pessoal como duas atividades separadas. Ao contrário, seu livro sobre Hume exhibe claramente uma postura crítica diante do naturalismo. Ao mesmo tempo em que procura expor e interpretar o pensamento humeano, Stroud examina se as doutrinas de Hume são, ou não, corretas. A seu ver, é impossível interpretar um pensamento filosófico sem, ao mesmo tempo, avaliar esse pensamento. Quando esteve no Brasil, Stroud contou que, assistindo a uma palestra, um estudioso de Hume propôs uma determinada interpretação. Stroud objetou-lhe que, se estivesse correto, então o argumento de Hume seria muito fraco e sua posição, claramente insustentável. O palestrante teria respondido que ele não julgava Hume, só o interpretava. Stroud, então, comentou que uma boa interpretação de um grande filósofo deve ser capaz de mostrar a força de sua posição e de seus argumentos e que, para isso, é preciso que o intérprete também saiba avaliar a força do pensamento que está interpretando. Ele lembrou esse episódio para defender uma certa inseparabilidade entre a filo-

sofia e a história da filosofia, entre simplesmente compreender um pensamento e examinar criticamente esse pensamento. Talvez não esteja errado dizer que Stroud não se interessava pela mera erudição, como se os filósofos clássicos fossem monumentos a serem cultuados, mas que voltava a esses filósofos porque sua própria reflexão se nutria das reflexões deles.

De outro lado, nos textos em que desenvolve sua reflexão filosófica pessoal, a estratégia de Stroud é, com frequência, examinar as doutrinas de algum filósofo para, com base nesse exame, elaborar sua própria visão do assunto em pauta. Em geral, ele expõe longa e cuidadosamente a opinião a ser criticada antes de submetê-la a uma discussão crítica. A meu ver, Stroud tem a virtude de ser justo e fiel ao autor que está sendo examinado e não é raro que ele gaste mais tempo tentando entender a posição a ser criticada do que a criticando para desenvolver sua própria concepção. Por conta dessa característica do seu pensamento, a leitura de suas obras permite travar conhecimento com o pensamento de inúmeros filósofos e, em particular, é uma excelente porta de entrada para a assim chamada filosofia analítica. Se alguém quiser ter uma boa ideia dessa tradição, basta ler seus artigos sobre filósofos importantes como Alvin Goldman, Donald Davidson, Ernest Sosa, John McDowell, Michael Williams, Peter Strawson, Saul Kripke, Tyler Burge, entre outros (Stroud, 2000a.4, 5, 9, 10, 12, 14; 2000b.7, 10; e 2011b.13-17). Pode-se dizer, portanto, que Stroud é capaz de uma feliz conjugação entre a interpretação de outros filósofos, inclusive os clássicos, como Descartes, Hume, Kant e Wittgenstein, e a reflexão filosófica pessoal. Essa observação se aplica perfeitamente ao presente livro, *A significação do ceticismo filosófico*, que nos permite voltar a filósofos clássicos como Descartes e Kant, para colocar um problema e abrir uma nova perspectiva sobre ele, como a analíticos já clássicos como G. E. Moore, J. L. Austin, R. Carnap e W. Quine, para examinar soluções recentes.

Ao contrário da filosofia “profissional”, da qual era tão crítico, Stroud promove outra maneira de filosofar. Uma diferença é que a perspectiva “profissional” compartimenta a filosofia e cada filósofo tratará somente daquela porção na qual se especializou. Stroud via a filosofia como um conjunto de questões articuladas, de modo que uma parte tem consequências sobre as demais partes. Além disso, em vez de apressadamente procurar respostas e elaborar teorias, Stroud dizia que era preciso paciência e que se devia amadurecer lentamente o próprio pensamento. A seu ver, é preciso refletir com vagar sobre a pergunta que se quer responder antes de começar a tentar respondê-la. De onde vem essa pergunta? Qual o seu sentido? O que é preciso fazer para respondê-la? Stroud insistia na especificidade da pergunta filosófica e na dificuldade de apreender a sua significação. Quando se ganha consciência dessa especificidade e daquilo que seria necessário para respondê-la, percebe-se que uma resposta adequada talvez esteja além das nossas capacidades. Isso não significa que a filosofia não tenha resultados positivos e que não possa iluminar nossa condição humana. De fato, há muitos ganhos, mas a iluminação que obtemos da filosofia, no seu entender, não provém da descoberta de uma teoria correta ou verdadeira, mas do exame cuidadoso da significação dos problemas filosóficos. Mais uma vez, *A significação do ceticismo filosófico* é um livro exemplar dessa atitude e dessa perspectiva filosófica.

Para Stroud (2018.1), fazer filosofia significa, em boa parte, integrar-se a uma longa tradição que remonta aos filósofos gregos. Assim, é imprescindível conhecer essa tradição à qual se adere quando nos tornamos filósofos. Não é possível filosofar exceto tomando posição diante dessa longa história. Não há uma razão filosófica abstrata fora dessa história e, se quisermos entender os problemas filosóficos, temos de investigar o que os filósofos disseram e, sobretudo, o que estavam fazendo ao filosofar. Ele entende que sua contribuição a tudo o que já se fez

nesses dois mil e quinhentos anos não poderia ser mais do que uma parte ínfima da filosofia, revelando uma consciência aguda e uma grande modéstia do lugar que ocupa dentro dessa tradição.

2 BREVE APRESENTAÇÃO DE A SIGNIFICAÇÃO DO CETICISMO FILOSÓFICO

No começo da filosofia analítica, o ceticismo gozou de um grande prestígio, ao menos como um tema central para a reflexão filosófica e epistemológica, embora fossem raros os filósofos que aceitavam o ceticismo. De fato, o ceticismo sempre foi percebido pela grande maioria dos filósofos como um adversário a ser combatido. Por exemplo, Moore, em sua famosa “Prova de um mundo exterior”, tratou de refutar o ceticismo e, em “Quatro formas de ceticismo”, tentou dar uma resposta definitiva ao ceticismo. Wittgenstein (seja no *Tractatus logico-philosophicus*, seja em *Sobre a certeza*), Carnap e Quine posicionaram-se explicitamente contra o ceticismo.

Como um assunto filosófico digno de uma investigação séria, contudo, o ceticismo sofreu um certo eclipse, sobretudo graças à obra de Austin. Este notável e sutil filósofo teria mostrado que o ceticismo não é uma alternativa filosófica relevante e que uma compreensão adequada do conhecimento humano deve resultar de uma análise dos usos da palavra “conhecer” (ou “saber”). Nesse contexto em que se via o ceticismo não somente como um inimigo a ser combatido ou como um assunto filosófico menor, surge *A significação do ceticismo filosófico*. Essa obra muda o cenário da teoria analítica do conhecimento, recolocando o ceticismo no centro da questão epistemológica e, talvez, como o resultado inevitável da epistemologia tradicional.

Convém notar, desde logo, que *A significação do ceticismo filosófico* fez parte de um movimento de recuperação do ceticismo, iniciado um pouco antes. Já em 1960, Richard Popkin publica

sua obra seminal *A história do ceticismo de Erasmo a Espinosa*, cuja fertilidade abriu o caminho para inúmeros estudos sobre o ceticismo moderno. Pouco tempo depois, os trabalhos de Michael Frede (1979) e de Myles Burnyeat (1980) chamaram a atenção para o pirronismo antigo; desde então, os estudos sobre o ceticismo antigo progrediram bastante. Mas não somente a história do ceticismo vinha sendo recuperada, pois alguns autores já vinham discutindo de maneira muito instigante a proposta filosófica do ceticismo. Por exemplo, em 1968, ao publicar o seu livro *Scepticism*, Arne Naess mostrou todo o interesse em se discutir o ceticismo; em 1972, Thompson Clarke publica o seu influente artigo “The legacy of skepticism”; em 1975, Peter Unger lança o seu *Ignorance: a case for scepticism*; e, em 1979, Stanley Cavell publica o não menos influente *The claim of reason: Wittgenstein, scepticism, morality and tragedy*. Assim, quando em 1984 Stroud publica *A significação do ceticismo filosófico*, o terreno já está preparado para o impacto que sua obra veio a causar.

Descartes é quem formula o problema filosófico de que o livro tratará. Antes mesmo de começar a examinar as respostas que lhe são dadas, cabe um lento e paciente exame sobre como o problema surge. Para Stroud, uma investigação sobre a fonte do problema filosófico é certamente mais importante do que a investigação de suas possíveis respostas. Os filósofos, em geral, supõem que entendem o problema adequadamente e que a única dificuldade residiria na sua solução. Stroud não vê a situação dessa maneira, mas, ao contrário, entende que há muito por fazer a respeito do sentido mesmo do problema antes de começar a tentar respondê-lo. Assim, ao explicar como Descartes formulou seu problema do conhecimento do mundo exterior, Stroud está tentando compreender também a significação desse problema filosófico.

O problema do mundo exterior resulta de uma investigação sobre o nosso conhecimento. Descartes decide fazer uma re-

visão geral de todo o seu suposto conhecimento de uma só vez e, no curso dessa revisão, ele percebe que ele não sabe nada a respeito do mundo ao seu redor. Dessa perspectiva, a filosofia é uma avaliação da justificação que temos para nossas crenças. O resultado é um conflito entre a filosofia (com suas dúvidas) e a vida cotidiana (com suas crenças). O que poderia a vida cotidiana responder às dúvidas filosóficas? Uma vez levantado o problema do mundo exterior, Stroud se dedica a examinar duas respostas provenientes do senso comum: primeiro, a resposta de Austin, que se baseia em uma análise de nossas maneiras de falar para descrever os procedimentos comuns de conhecimento; em seguida, a resposta de Moore, que tenta provar que o mundo exterior existe e que nós podemos conhecê-lo. Nos dois casos, uma filosofia baseada no senso comum não é capaz de mostrar que o ceticismo é falso. O desafio cético lançado por Descartes é mais poderoso do que parece.

Embora a resposta de Austin seja mais sutil e penetrante, a de Moore tem a vantagem de nos fazer suspeitar que, para responder ao problema cético, é preciso de alguma maneira se distanciar da vida cotidiana. Entender porque a prova de Moore é conclusiva, de um lado, mas inadequada, de outro, permite separar com mais clareza as questões “internas” e as “externas”. Segundo Stroud, Kant está perfeitamente consciente da necessidade dessa separação, radicalizando-a ao traçar a distinção entre o domínio empírico e o domínio transcendental. Surge, então, uma segunda maneira de conceber a filosofia, que não mais entraria em conflito com as crenças cotidianas, mas deveria especificar as condições nas quais o conhecimento comum é possível. A questão é ver se essa nova concepção da filosofia permitiria a superação do ceticismo. Ao mesmo tempo em que apresenta uma interpretação bastante geral de Kant, Stroud procura mostrar como a distinção kantiana permite superar o ceticismo somente a um custo excessivamente alto, a saber, a adesão a uma forma

de idealismo, de modo que o idealismo de Kant reproduziria no nível transcendental um incômodo similar ao que o ceticismo causa no nível empírico.

Carnap é, então, apresentado como um herdeiro da distinção kantiana entre o “interno” e o “externo”, mas tentando se livrar dos inconvenientes do idealismo transcendental. Além de apresentar a obscuridade da teoria carnapiana do conhecimento, Stroud levanta algumas críticas contundentes ao princípio da verificação, que está na base da crítica de Carnap ao ceticismo. Se, entretanto, a distinção kantiana retomada por Carnap não responde satisfatoriamente ao ceticismo, talvez uma resposta de cunho científico fosse adequada. Stroud, então, se dedica a apresentar o projeto de Quine de uma epistemologia naturalizada e de como esta pretenderia rejeitar a posição cética. Além de revelar um exímio entendimento da epistemologia naturalizada, Stroud ataca seu ponto central, mostrando como ela não somente tolera o ceticismo, mas também, no fundo, está comprometida com ele. Nem a filosofia, nem a ciência são capazes de resistir à dúvida cética ou de responder ao desafio cético.

Note-se que os capítulos sobre Descartes e Kant são exemplares para ver aquela combinação do filosofar com o estudar um filósofo clássico ressaltada na seção anterior. Stroud mostra como a história da filosofia pode estar a serviço da filosofia e vice-versa. Tanto Descartes quanto Kant desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do livro, cada um apresentando uma concepção da filosofia. Além disso, pode-se começar a conhecer aspectos centrais do pensamento de quatro filósofos analíticos já clássicos: Austin, Moore, Carnap e Quine. Há, no caso de Stroud, um equilíbrio ou uma combinação entre as qualidades de intérprete e de filósofo. Também vale a pena ressaltar que, dentro de cada capítulo, Stroud gasta talvez mais tempo tentando compreender adequadamente as ideias de cada um desses filósofos do que tentando criticá-los. Isso se deve ao fato de que,

na sua concepção, como já mencionei, a filosofia deve se concentrar muito mais no estudo e na compreensão de um problema filosófico do que na produção e defesa de uma teoria.

A crítica de Stroud a Austin (e a seus seguidores como Dretske e Nozick), com a qual ele abre sua discussão crítica do ceticismo cartesiano, mostrou que a força dos argumentos de Austin era bem menor do que muitos supunham. Isso contribuiu de maneira decisiva para recolocar o ceticismo no centro da epistemologia, porque eram esses argumentos de Austin que levavam à desqualificação do ceticismo. Em seguida, ele se dedica a mostrar que tampouco Moore teria refutado o ceticismo cartesiano tal como ele pretendia. Mais do que isso, Stroud procurou mostrar que Carnap e Quine, longe de rejeitarem o ceticismo, na verdade estavam comprometidos com ao menos o que ele chama de “a correção condicional do ceticismo”. Ora, toda essa extensa e detalhada investigação revelou, portanto, não somente que as respostas ao ceticismo eram infundadas, mas que muitas das teorias vigentes do conhecimento eram, no fundo, céticas, sem se aperceberem disso. E, na conclusão, Stroud não deu uma resposta cabal ao ceticismo, mas somente discute sugestões promissoras de como eventualmente superá-lo.

Uma das teses básicas do livro é a de que haveria, na teoria do conhecimento, uma espécie de padrão, que se repete, talvez tediosamente, ao longo do tempo. Primeiro, deixa-se levantar um problema, para, em seguida, tentar resolvê-lo por meio de teorias. Mas, à luz do desafio cético, nenhuma teoria é bem-sucedida e a única resposta correta seria o ceticismo. Nesse momento, Stroud ainda não tinha elaborado o seu “argumento transcendental modesto” ou a sua estratégia de mostrar a inconsistência em toda tentativa de se distanciar completamente das crenças da vida cotidiana e alcançar uma posição destacada que permitisse uma compreensão objetiva da situação do ser humano no mundo. Por isso, alguns entenderam que Stroud seria

um cético. Com efeito, Stroud defendeu a correção condicional do ceticismo, segundo a qual, se o filósofo tradicional conseguir levantar uma questão teórica com significado sobre o mundo exterior, então a conclusão cética seria correta. Mas ele não se considerava um cético.

Para tornar-se cético, Stroud teria de aceitar também o enunciado antecedente do condicional e é justamente esse antecedente que ele está investigando ao longo de todo o livro: terão os filósofos levantado adequadamente sua questão? O objeto de investigação de Stroud é menos a verdade ou falsidade das respostas, inclusive a cética, do que a significação mesma do problema filosófico. Sua questão é entender esse problema e de onde ele surge ou qual a sua fonte. Não é óbvio para Stroud, como talvez seja para o filósofo tradicional, se, de fato, este consegue levantar um problema com significação clara. Os epistemólogos supõem que se levantou o problema com sentido e, portanto, pensam que Stroud aceita a correção do ceticismo. Mas interpretá-lo assim é não entender o que ele está fazendo. Stroud nunca se alinhou com o cético cartesiano, nem mesmo quando mostrou sua força e o fascínio que o problema exerce sobre nós ou quando aceitou a correção condicional do ceticismo, porque nunca lhe pareceu que o problema tivesse sido levantado com a significação pretendida. Ao investigar a significação desse problema, ele espera obter a iluminação filosófica que outros filósofos esperam obter por meio de uma teoria, isto é, de uma resposta que se julga verdadeira ao problema formulado.

3 STROUD E O BRASIL

Talvez caibam algumas palavras sobre a repercussão de suas obras entre nós. Esse é um assunto a ser investigado ainda e não posso senão dizer poucas coisas.

Stroud esteve no Brasil duas vezes. A primeira, na UFMG, em 2013, por ocasião de um Colóquio Hume, organizado pela professora Livia Guimarães. No ano seguinte, graças ao convite de Flávio Williges, Stroud participou de um dos Encontros Nacionais da ANPOF, em Campos do Jordão, quando os GTs Ceticismo e História do Ceticismo promoveram um Colóquio Stroud, em que se discutiu sua filosofia, com a sua presença. Desse colóquio, resultou o número 14 da revista *Sképsis*, com a contribuição de todos os participantes e com as respostas de Stroud a cada um desses textos. Assim, constituiu-se não somente uma colaboração oral, mas também escrita entre Stroud e alguns filósofos brasileiros.

Sua obra teve uma grande repercussão entre diversos filósofos brasileiros, em particular os de linha analítica e os que trabalham em epistemologia. Embora outras obras suas sejam razoavelmente conhecidas, sobretudo as coletâneas de artigos publicadas em 2000 (*Understanding human knowledge e Meaning, understanding and practice*), não há quem não conheça *A significação do ceticismo filosófico*. Creio que o Rio Grande do Sul é o estado em que Stroud mais penetrou, mas ele também tem leitores assíduos em outros estados, como por exemplo na Bahia ou em Minas Gerais. Talvez o primeiro curso a introduzir um artigo de Stroud entre nós tenha sido ministrado pelo professor Guido de Almeida, na UFRJ, sobre argumentos transcendentais, nos anos 1980. Na USP, ainda nos anos 1980, Porchat deu um curso sobre *A significação do ceticismo filosófico* que marcou época, porque foi um dos primeiros em que Porchat ensinava a filosofar, e não apenas a fazer história da filosofia.

Talvez não seja fora de propósito dizer que Stroud se interessava pelo Brasil, como, de resto, ele se interessava pelo mundo, pois era uma pessoa muito atenta com a vida cotidiana, com a cultura e com a política. Nas duas vezes em que esteve por aqui, Stroud manifestou vivo interesse pela situação do país e mostrou

que sabia o que estava acontecendo; sua segunda visita ocorreu perto das eleições presidenciais e ele tinha se informado sobre a campanha e conhecia os candidatos e suas principais propostas. Depois da eleição, continuou acompanhando o desenrolar dos acontecimentos. Embora possa parecer um filósofo tipicamente acadêmico, Stroud era um pensador esclarecido e profundamente interessado pelo mundo. No caso de Stroud, certamente não se pode separar o filósofo que investiga a relação da filosofia com a vida cotidiana e a pessoa que está imersa na vida cotidiana

4 A NECESSIDADE DE UM GUIA DE ESTUDOS

Stroud se queixava, com frequência, de ser mal-entendido por seus críticos. Mas é preciso reconhecer que, ao menos para uma leitura menos atenta, é às vezes difícil seguir seu raciocínio e compreender as suas ideias. Suas frases são longas e, não raro, truncadas; nem sempre está claro o que um parágrafo diz de diferente que não havia sido dito antes; o avanço é lento e, em virtude da minúcia, riqueza e profundidade da discussão, não surpreende que um leitor menos experiente se perca no texto.

Quando, no entanto, se lê o livro com a devida atenção e se começa a entender o que Stroud diz, ocorre uma inversão: o leitor estranha como ele podia não ter entendido antes, pois, de fato, as ideias estavam bem ordenadas e expressas de maneira cristalina. O leitor começa até a ver uma certa beleza no seu estilo. De um modo geral, ele sempre enuncia qual é o seu problema, formula as questões que pretende discutir, indica a passagem de um assunto a outro e dá a sua opinião com todas as letras. Embora, às vezes, os detalhes possam ser um pouco obscuros e a redação, imprecisa, é certo que o sentido geral do texto e seus principais argumentos e teses são sempre explicitamente formulados. Não se esconde nada do leitor; não é preciso suspeitar de que haveria algo a mais por trás do que ele diz. E, mesmo assim, a leitura não é fácil.

Por isso, julguei oportuno escrever um guia de estudos, que ajudasse o leitor a se orientar no livro. Esse guia aparece no final deste livro. Pode-se ver a primeira parte desse guia como uma longa introdução ao livro. No entanto, como uma introdução longa mais atrapalha do que ajuda o leitor, porque se torna um obstáculo entre ele e o que é e deve ser o texto principal, preferi deixá-la no final do livro, quando o leitor já o tiver lido. O que pretendo oferecer ao leitor é somente algum apoio para uma boa compreensão do livro, não uma interpretação aprofundada do livro, nem uma discussão filosófica. Trata-se, antes, de apresentar uma descrição do conteúdo básico e dos principais movimentos argumentativos de Stroud. Para isso, sigo o texto de perto, com muitas citações, parafrazeando-o, mas com a esperança de que, ao insistir em algumas ideias centrais, o leitor possa compreendê-las melhor. De maneira um tanto pretenciosa, chamei essa parte de “comentários analíticos”.

Ainda nesse guia, ofereço ao leitor um esquema geral do livro e os esquemas de cada capítulo, a fim de ajudar a ordenar a sequência das ideias de Stroud. Tendo em vista a proposta desses esquemas, enumerei todos os parágrafos de cada um dos capítulos. Optei por introduzir entre colchetes, portanto, os números de cada parágrafo. Esse sistema de numeração facilita, de um modo mais geral, identificar as articulações das partes e subpartes do texto e permite discussões mais precisas e aprofundadas do livro. Explico como usar esse sistema de numeração no guia de estudos. Além disso, Stroud mal indicava a divisão que ele mesmo fazia no texto, deixando ao leitor a percepção das inflexões das ideias: ele somente pulava uma linha e não dava destaque à primeira linha da seção seguinte. Por razões didáticas, preferi assinalar com três asteriscos as separações que o próprio Stroud fazia.

Por fim, incluí no guia de estudos as perguntas que Porchat fazia para orientar seus alunos na compreensão e na discussão do livro. Como já dito, Porchat foi um dos filósofos que intro-

duziram o pensamento de Stroud entre nós; foi ele quem deu o impulso fundamental para o florescimento da filosofia analítica no Brasil, com a fundação do Centro de Lógica e Epistemologia (CLE) da Unicamp. Pareceu-me, assim, que se deveria inserir o seu questionário nesse guia de estudos.

Antes de terminar esta introdução, eu gostaria de fazer alguns esclarecimentos sobre as citações e as referências bibliográficas. Stroud cita os principais textos examinados e discutidos por siglas, não por datas. Preferimos seguir o modo econômico pelo qual ele citava. As siglas estão no final dos respectivos livros nas referências bibliográficas. Sempre que possível, consultamos traduções para o português, às vezes seguindo uma tradução já existente, às vezes modificando-a quando necessário. Incluímos essas traduções consultadas nas referências bibliográficas e indicamos, após a referência à página do original, a página da tradução.

Plínio Junqueira Smith
Unifesp, CNPq

Compre seu exemplar pelo e-mail
vendas@scientiaestudia.org.br



Este livro foi composto em filosofia e impresso
em papel pólen 80g/m² na Bartira Gráfica.

Inverno de 2020